

EDIÇÃO 1 • ABRIL DE 2022 • WWW.ADILSONAGUIAR.COM

EXCLUSIVA

COM ADILSON AGUIAR

ARTIGO INÉDITO

RECUPERANDO A PRODUTIVIDADE



Professor Adilson Aguiar
@professoradilsonaguiar



Adilson Aguiar

ADILSON AGUIAR

30 ANOS DE DEDICAÇÃO À AGROPECUÁRIA

O professor, pesquisador e consultor Adilson de Paula Almeida Aguiar trabalha 30 anos em prol da agropecuária e se estabeleceu internacionalmente como um dos maiores nomes na área de produção animal a pasto.

Zootecnista pela Faculdade de Zootecnia de Uberaba (Fazu), Adilson é também especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade Federal de Viçosa e em Solos e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Lavras.

Foi professor durante 30 anos na Fazu (Faculdades Associadas de Uberaba) nos cursos de Agronomia e Zootecnia e coordenou durante 20 anos o curso de Pós-graduação em Manejo da Pastagem e durante 12 anos o curso de Pós em Nutrição de Ruminantes.

É professor há 12 anos nos curso de pós-graduação em nível de especialização em Pecuária Leiteira, Pecuária de Corte e Produção de Gado de Corte em Pasto pela Rehagro.

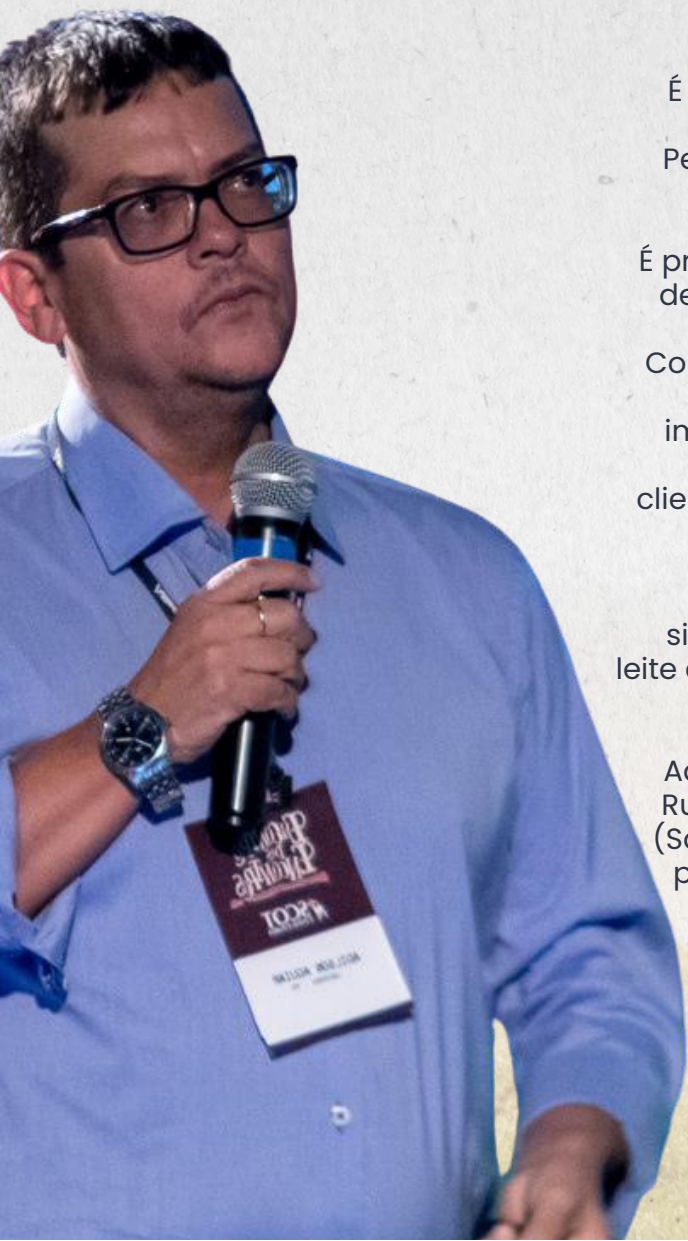
É professor também no Curso de Gestão em Pecuária de Corte da FGI (Faculdades de Gestão e Inovação).

Consultor em projetos de pecuária de corte e leite há 30 anos no Brasil e no exterior, Adilson Aguiar já implantou e acompanhou, sozinho e com parceiros, mais de 330 fazendas de gado de corte, de 152 clientes, e 42 fazendas de gado de leite, de 41 clientes, espalhadas pelas regiões brasileiras.

Atualmente, o zootecnista acompanha sistematicamente cerca de 10 fazendas de gado de leite e 45 de gado de corte, além de ministrar palestras e treinamentos.

Adilson Aguiar possui colunas fixas nas revistas DBO Rural (Básico Bem Feito) e AG – A Revista do Criador (Santo Capim) e escreve, sistematicamente, para os portais Scot Consultoria, Balde Cheio de Luz e Pasto Extraordinário.

Assessoria de Comunicação
Daniela Miranda - Mtb 0020500/MG
imprensa.consupec@gmail.com



RECUPERANDO A PRODUTIVIDADE

Até meados da década de 60 do século passado, o processo de produção agrícola no Brasil era extensivo, praticamente sem a utilização de corretivos e fertilizantes. A agricultura desenvolveu-se em regiões em que os solos eram férteis, os quais eram cultivados até a exaustão e, então, abandonados, deslocando-se o processo produtivo para outras áreas.

A partir do final da década de 50, pesquisas conduzidas principalmente nas regiões Sudeste e Sul do país mostraram ser possível, com a correção da acidez e a adubação do solo, recuperar a produtividade das terras "cansadas" de mata, assim como tornar produtivos os solos dos cerrados, naturalmente ácidos e pobres em nutrientes (SOUSA et al., 2010).

No início da década de 70, um programa com a parceria FAO/ANDA/ABCAR procurou, por meio de uma rede de ensaios realizados em vários estados do Brasil, demonstrar os benefícios do uso de fertilizantes. Iniciou-se, então, uma nova fase na agricultura brasileira. A utilização desses insumos possibilitou a exploração permanente dos solos agrícolas, reduzindo a necessidade de derrubar florestas. Os ganhos de produtividade de grãos no Brasil foram espetaculares, pois, enquanto em 1970, a produtividade média era de apenas 0,8 t/hectare (ha), em 2008 foi de 3,0 t/ha, um ganho de 275%. Esse ganho em produtividade evitou que aproximadamente 130 milhões de ha fossem desmatados para a produção de grãos (SOUSA et al., 2010).

A pecuária brasileira que fundamentalmente explora a terra com a cultura da pastagem também apresentou um crescimento expressivo, por exemplo, aumentando a produtividade de carne bovina de 1,43 arroba/ha (@/ha) em 1986 (IBGE, 1987; ANUALPEC, 1996) para 3,49 em 2017 (IBGE, 2018; ANUALPEC, 2018), um ganho de 144%, mesmo reduzindo a área de pastagem em aproximadamente 20,5 milhões de ha, uma redução de 11,4%. Este ganho em produtividade evitou que 230 milhões de ha fossem desmatados para a produção de carne.

Entretanto este ganho de produtividade não teve o uso de fertilizantes como base, mas sim o aumento da área de pastagens cultivadas em relação a pastagens naturais, aumentando de 41,3% da área total de pastagens em 1986 para 70,5% em 2017 (IBGE, 2018), o melhoramento genético do rebanho por meio de seleção de raças zebuínas e cruzamentos destas com raças europeias, melhoria nos índices reprodutivos, aumento e melhoria na suplementação animal em pasto, aumento de sistemas mais intensivos de engorda em semiconfinamento e confinamento, adoção e melhoria nos protocolos de manejo sanitário, como principais fatores.

Atualmente o Brasil possui a quarta maior área total (158,6 milhões de hectares) e a maior área cultivada (111,7 milhões de hectares) de pastagens do mundo. Estas pastagens direta ou indiretamente constituem a base da alimentação de aproximadamente 200 milhões de herbívoros sendo 171,85 milhões de bovinos; 0,948 milhão de bubalinos, 8,25 milhões de caprinos, 13,77 milhões de ovinos (IBGE, 2018) e 5,9 milhões de equídeos (IBGE, 2006).

Entretanto existe uma incerteza da real área de pastagens existente no Brasil. Segundo a EMBRAPA, em 2011 a área de pastagem era de 190 milhões de hectares (BUNGENSTAB, 2011), enquanto no mesmo ano em um boletim da Scot Consultoria, em cálculos baseados nas fontes da FAO, do USDA, do IBGE e da CONAB, a área seria de 171.35 milhões de hectares. Por outro lado, durante o IV Encontro de Aducação de Pastagens, dentro do Encontro dos Encontros da Scot Consultoria o professor Laerte Guimarães Ferreira (FERREIRA et al., 2016) apresentou em sua palestra O “novo” mapa de pastagens brasileiras mapeado com imagens de satélite e concluiu que a área compreendia 165 a 167 milhões de hectares.

Apesar da incerteza em relação à área de pastagens brasileiras, o que não se tem dúvida entre os especialistas é a sua importância para a pecuária nacional como também o seu alto grau de degradação, tanto em extensão quanto em seu nível de degradação.

Estima-se atualmente que na pecuária de corte praticamente 100% das categorias animais das fases de cria e recria e quase 90% da fase de engorda são alimentadas em sistemas de pastagens. Por outro lado, na pecuária leiteira estima-se que 98% do volume de leite produzido anualmente vem de sistemas onde pelo menos no período chuvoso as categorias do rebanho são alimentadas em pasto. ou seja, as pastagens são a base das cadeias da carne e do leite bovinos do país.

Estima-se que a área de pastagens ocupa aproximadamente entre 19 a 22% do território brasileiro (18,6% pelo IBGE, 2018) e que 80% desta área encontra-se em algum estágio de degradação, sendo que mais da metade está precisando urgentemente de intervenção (BUNGENSTAB, 2011), demandando altos investimentos anuais em sua recuperação/renovação além dos impactos econômicos (menores produtividades, receita e lucro; baixa rentabilidade da atividade), sociais (empobrecimento de regiões de pecuária tradicional, desemprego e empregos com baixos salários etc) e ambientais (compactação e erosão do solo, assoreamento e contaminação de cursos d água, emissão de gases de efeito estufa).



Além destes impactos a atividade pecuária ainda tem sofrido pesadas críticas e acusações por parte da sociedade e de organizações não governamentais (ONGs) do país e do exterior pelo seu modelo de exploração extensivo/extrativista.

Apesar de ganhos conquistados a taxa de lotação média das pastagens brasileiras ainda é relativamente muito baixa quando se compara com o potencial a ser alcançado. Segundo o relatório do DIEESE, publicado em 2011 (DIEESE, 2011) em 52,5% da área de pastagem do país a taxa de lotação estava abaixo de 0,40 unidade animal/ha (UA), em 25,1% entre 0,4 e 0,8 UA/ha, em 18,3% entre 0,8 e 1,5 UA/ha e em apenas 4% tinha taxa de lotação acima de 1,5 UA/ha.

Em cálculos que eu tenho realizado com base no penúltimo Censo Agropecuário (IBGE, 2006) e em dados regionais a taxa de lotação média dos estados onde eu tenho trabalhado, tem variado entre 0,40 UA/ha ou 0,58 cabeça/ha no Piauí a no máximo 1,40 UA/ha ou 1,82 cabeça/ha no Paraná.

Com base nos resultados preliminares do último censo agropecuário a taxa de lotação bovina atual é de 1,08 cabeça/ha correspondendo a aproximadamente 0,70 UA/ha. Mesmo se todas as espécies herbívoras (bovinos, búfalos, caprinos, ovinos e eqüídeos) fossem alimentadas exclusivamente em pastagem, a taxa de lotação seria de 1,27 cabeça/ha e 0,80 UA/ha.

Mesmo em sistemas de produção de leite que devem ser mais intensivos por vários fatores (propriedades com menores áreas; em terras mais valorizadas;

localizadas em regiões onde existem muitas alternativas de uso da terra, etc) e no estado maior produtor de leite do país, Minas Gerais, as taxas de lotação das pastagens das fazendas que participaram do Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais eram de 1,40 e 1,97 UA/ha no período chuvoso, para os estratos de produção nas faixas abaixo de 50 litros e acima de 1.000 litros/dia, respectivamente, e 1,24 UA/ha e 1,66 UA/ha média ano (incluindo áreas para a produção de volumosos suplementares) para os mesmos estratos de produtores, respectivamente (GOMES, 2005).

As baixas taxas de lotação contribuem para redução da produtividade da terra de pastagem.

Na pecuária de corte a produtividade de carne bovina está por volta de 3,49 @/ha/ano com ganho médio diário do rebanho em pasto de 0,12 kg/dia, já descontados os ganhos alcançados em confinamento.

Na pecuária leiteira, por exemplo, no Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais (GOMES, 2005) a produtividade por animal variou entre 4,31 a 12,86 litros de leite/dia por vaca em lactação, e entre 2,66 a 9,67 litros de leite/dia por vaca no rebanho (incluindo as vacas secas), para os estratos de produção abaixo de 50 e acima de 1.000 litros/dia, respectivamente.

A interação entre as variáveis taxa de lotação, produtividade por vaca e composição do rebanho, ainda influenciou a produtividade anual da terra, com variação entre 485 a 2.931 litros de leite/ha/ano, em MG. Aguarde a próxima edição!

**"APESAR DA INCERTEZA EM RELAÇÃO À ÁREA DE PASTAGENS
BRASILEIRAS, O QUE NÃO SE TEM DÚVIDA ENTRE OS
ESPECIALISTAS É A SUA IMPORTÂNCIA PARA A PECUÁRIA
NACIONAL COMO TAMBÉM O SEU ALTO GRAU DE
DEGRADAÇÃO, TANTO EM EXTENSÃO QUANTO EM SEU NÍVEL
DE DEGRADAÇÃO".**

ADILSON DE PAULA ALMEIDA AGUIAR



Impulsione sua **carreira** ou sua **fazenda através da** **Plataforma Adilson Aguiar**

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS

Curso de Correção e Adubação
de Solos de Pastagens

7 Aulas

223 minutos

Curso de Correção e Adubação
de Pastagens

17 Aulas

433 minutos

**SEJA RECONHECIDO NO MERCADO,
APRIMORE SEUS CONHECIMENTOS!**

WWW.ADILSONAGUIAR.COM



Metodologia Professor Adilson Aguiar

30 anos de trabalho e experiência em Consultoria e
Planejamento Pecuário

Cursos com aplicações práticas



Assista quando e onde quiser



Certificado exclusivo



Escale seu negócio



Adilson Aguiar